

UMA ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE AUTORIA DE MARTHA MEDEIROS E LYA LUFT SOBRE A MULHER CONTEMPORÂNEA

Me. Giovanna de Araújo Leite

Orientadora: Profa. Dra. Maria Goretti Ribeiro

Autarquia do Ensino Superior de Garanhuns – AESGA

Email: giovannaleite@hotmail.com

A crônica é um gênero literário que comumente oscila entre o jornalismo e a literatura. Está presente em revistas e jornais, narrando, relatando, descrevendo e até argumentando com efemeridade acontecimentos e ao mesmo tempo, expressando os pensamentos daqueles que "enxergam" com sensibilidade o cotidiano aos mínimos detalhes. A ideia é fazer uma análise literária sobre os textos de duas escritoras brasileiras conceituadas pela crítica no Brasil, em relação a crônicas. Trata-se de Martha Medeiros, nascida em Porto Alegre, Rio Grande do Sul e Lya Luft, nascida em Santa Cruz do Sul, também, no Rio Grande do Sul, esta última teve grande parte de seus textos publicados na revista semanal Veja. A problemática é: qual o "olhar" destas autoras sobre a mulher contemporânea? Como elas abordam sobre o feminino na contemporaneidade? O objetivo geral é analisar a figura feminina na contemporaneidade expressas nas crônicas destas duas autoras. Os objetivos específicos são: fazer um breve estudo teórico sobre a crônica na atualidade escrita por mulheres brasileiras no contexto da literatura contemporânea e observar a linguagem utilizada nas crônicas que expressam opiniões sobre a mulher na atualidade. A metodologia foi bibliográfica e documental, pois se utilizaram livros da crítica literária sobre crônica, contemporaneidade, assim como, documental porque se utilizaram os textos das autoras supracitadas. Entende-se que este trabalho é importante para os estudos de autoria feminina na literatura contemporânea e servirá como início de mais estudos aprofundados sobre a área.

Palavras-chave: Crônica de autoria feminina, mulher contemporânea, literatura contemporânea.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, o termo crônica, esteve ligado à questão do tempo, seja relatando eventos, fazendo narrações, descrições, argumentações presentes nas palavras de jornalistas e escritores.

Destaca-se que durante séculos, somente os homens tinham espaço nos jornais e revistas literárias para expor pensamentos, narrações, descrições, injunções acerca da vida cotidiana. Não se via espaços privilegiados para a escrita feminina nos periódicos. O espaço da mulher, como destaca Silva (2010) estava longe dos grandes temas, ou então, era uma "imitação da literatura masculina", pois isso estava internalizado no imaginário coletivo e produzido nas práticas socioculturais.

Seguindo esta linha de raciocínio, este artigo científico visa discutir sobre o gênero híbrido literário- jornalístico (crônica), sob o viés da escrita feminina de duas autoras brasileiras: Martha Medeiros e Lya Luft. Ambas são oriundas do Estado do Rio Grande do Sul – RS e são de gerações diferentes. Elas escrevem em jornais e revistas brasileiras e já publicaram vários livros de romances

e crônicas. Partir-se-á dos textos escritos por estas autoras quando abordam em suas crônicas aspectos diretamente relacionados ao ser feminino no contexto da contemporaneidade, isto é, entre fins do século XX e início do século XXI.

A problemática apresentada aqui se debruça sobre o seguinte questionamento: qual o olhar das escritoras supracitadas sobre a mulher contemporânea, considerando-se o fato de que as mulheres desta geração, de um modo geral, deixaram de transitar no cotidiano, como meras ‘donas de casa’, que só cozinhavam, passavam e tomavam conta dos filhos, para serem as mulheres que trabalham fora de casa e dão conta destes mesmos afazeres domésticos citados. A proposta deste estudo considera importante destacar o fato de que a escrita feminina muitas vezes esteve ‘taxada’ na própria literatura brasileira, como ‘literatura açucarada’, de pouca presença no contexto de se expressar aspectos filosóficos ou de cunho universal.

Nas palavras de Silva (2010, p. 35):

Uma vez que as mulheres só tinham acesso ao mundo doméstico, particular, privado [...] sobre que assuntos poderiam discorrer [...] se estavam longe dos grandes acontecimentos, distantes dos espaços propiciadores de experiências coletivas, privadas.

Martha Medeiros e Lya Luft, duas mulheres pensantes no Brasil, que questionam comportamentos, atitudes, políticas, religiões, economias, comunicações, tecnologias, mídia, saúde, empresariado, enfim, uma infinidade de temas cruciais da sociedade. Como elas abordam sobre o feminino nesta contemporaneidade?

Partindo deste pressuposto, o objetivo central desta pesquisa é analisar a figura feminina nas crônicas das autoras supracitadas. Os objetivos específicos são: fazer um breve estudo sobre o conceito de crônica com base do pensamento de Moisés (2012) e Pereira (2004) e, por último, observar a linguagem utilizada por Martha Medeiros e Lya Luft quando expressam opiniões sobre a mulher na atualidade.

Acredita-se que a partir destas reflexões, seja possível configurar e problematizar a questão do modo de ver o cotidiano sob a ótica da escrita feminina em textos do gênero crônica.

Metodologicamente, considerou-se que este trabalho é de caráter bibliográfico e documental, pois se trata de um recorte sobre o conceito de crônica, assim como documental, porque se utilizaram as próprias produções jornalístico-literárias das autoras em estudo. Entende-se que esta pesquisa é um estudo embrionário, pois se pretende aprofundar ainda mais tal temática em estudos futuros na academia.

2 BREVES ABORDAGENS SOBRE O GÊNERO CRÔNICA

A crônica nasceu sob o signo da palavra grega *Cronikós* relativo a ‘tempo’ *Chrónos*, pelo latim *Chronica*, designando no início da era cristã, como uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, a uma sequência cronológica (MOISÉS *apud* PEREIRA, 2004).

Além da questão do tempo, nas crônicas, há a presença de interpretações dos fatos narrados, analisando vários temas em tom efêmero e, ao mesmo tempo, profundo. Percebe-se, que também, há em determinados textos da crônica, uma carga maior de conotação, assim como, de aspectos denotativos.

Cândido (*apud* CARLAN, 2012, p.35) no Brasil, diz: “a crônica nasceu como folhetim, um artigo de rodapé sobre as questões do dia”. Pereira (2004) mostra que a noção de crônica também passou pelo aspecto do relato histórico, depois como acessório do ensaio, enfim, o gênero crônica estabelece-se sempre no ‘entremeio’ de um outro gênero, quer seja literário, quer jornalístico.

Modernamente é a Montagne, com *Essais* (1856), que se deve a iniciação do gênero, novamente como o sentido etimológico da palavra que indica: tentativa, inacabamento, experiência, dissertação curta e metódica sem acabamento sobre assuntos variados em tom íntimo, coloquial, familiar [...] (COUTINHO *apud* PEREIRA, 2004, p. 19).

No século XIX, a crônica torna-se alvo de reflexões sobre verdadeiramente qual seria o seu conceito, e diante da sua semelhança com o ensaio, alguns estudiosos seguiram o raciocínio de Montaigne, outros, decidiram classificá-la como um gênero transitório que ora se apresentava mais próxima do ensaio, por conter a linguagem dos bacharéis de Direito, ora como um acessório do ensaio.

Pereira (2004, p.29) retoma estas abordagens e dispara: “A crônica não tem independência estética. Portanto, quando a classificam, eles produzem conceitos híbridos, cuja valoração semântica se dá a partir da forma discursiva que prevalece no texto de determinados cronistas”.

Neste sentido, a crônica guarda em si mesma um conceito híbrido, pois ela é uma conjunção de elementos linguísticos que apresenta expressões verbais características do assunto discutido e dos novos significados construídos a partir de narrações, descrições, argumentações, entre outras.

Seja no contexto do jornalismo ou da literatura, a crônica estabelece-se em novos processos de enunciação, transformando-se em um espaço textual que absorve, criticamente, várias linguagens (PEREIRA, 2004).

É interessante destacar, também, algumas considerações sobre a crônica de acordo com Jésura Lopes Chaves, em que fez um texto intitulado “Compreensão leitora e estrutura argumentativa no gênero crônica:

A crônica atua como portadora do espírito do tempo, tanto por suas características formais como por seu conteúdo, pela relação que nela se instaura entre ficção e história, pelos aspectos aparentemente casuais do cotidiano, como também pela complexa trama de tensões e relações sociais que entremeiam sua composição. Importante ainda é cumplicidade lúdica que se estabelece entre o autor e o leitor, sempre ancorada na contemporaneidade (CHAVES, 2009, p.36).

A crônica contém aspectos chamativos, emocionais e, ao mesmo tempo racionais sobre fatos do cotidiano e aquele quem a produz extrai deste mesmo cotidiano, elementos que sensibilizam o leitor, desde o título, a introdução, o desenvolvimento e as considerações finais da mesma.

Carlan (2012, p. 35) mostra em seus estudos a razão pela qual os jornais brasileiros gostam de publicar crônicas:

Um dos modos de fazer com que o leitor sinta-se mais presente no texto e no universo retratado por ele é a publicação de crônicas. Nelas, o autor não só apresenta um fato ocorrido, como também esclarece o leitor sobre o assunto. A crônica está entre os gêneros jornalísticos opinativos. É possível aproximá-la da esfera do literário.

A crônica, enfim é um gênero que deve ser analisado pelos pesquisadores de várias áreas, sobretudo, da comunicação e das letras, pois ela foi gerada dentro dos dois universos profissionais.

2 MARTHA MEDEIROS E SUA OBRA

Martha Medeiros é gaúcha, nascida em Porto Alegre no dia 20 de agosto de 1961. É formada no curso de Comunicação Social, e atuou durante os primeiros anos de sua carreira na área de Publicidade e Propaganda, como redatora e diretora de criação em diversas agências da capital do Rio Grande do Sul.

Ao lado da carreira profissional como publicitária, Martha Medeiros se identificou bastante com o ofício de escritora, tanto que, chegou a publicar em 1985, seu primeiro livro de grande sucesso de vendas “Streap tease” pela editora L &PM, depois, não parou mais e seguiu com “Meia noite e um quarto”, em 1987; “Persona non grata”, em 1991. Até que em 1993, Martha Medeiros decidiu se dedicar mais profundamente à produção literária, indo morar na cidade de Santiago, no Chile a fim de se debruçar ainda mais com a literatura, escrevendo textos literários, entre poesia, crônicas e romances.

De acordo com Carlan (2012, p. 46):

Quando voltou para o Brasil, ainda em 1993, Martha Medeiros começou a colaborar com crônicas para o jornal ‘Zero Hora’, de Porto Alegre, em que até hoje mantém uma coluna no caderno Donna, que circula aos domingos, e outra – às quartas-feiras – no segundo Caderno. A cronista escreve atualmente também uma coluna semanal veiculada aos domingos para o caderno Revista ‘O Globo’, do Rio de Janeiro.

Desta forma, Martha Medeiros dá início à escrita e produção de seus livros literários de poesias no país, de acordo com o site da sua editora L&PM: “De cara lavada”, 1995; “Poesia reunida”, 1999; “Cartas extraviadas e outros poemas”, de 2001. A autora em 1995 publicou também, seu primeiro livro de crônicas pela editora Artes e Ofícios, “Geração bivolt”, resultado de artigos publicados no jornal “Zero Hora”, além de textos inéditos. Em 1996, também publicou “Santiago do Chile – Crônicas e dicas de viagem”, relatando os oito meses em que vive na capital do Chile, Santiago.

Destaque-se, também, que o livro “Topless”, publicado em 1997, ganhou o prêmio Açorianos de Literatura. A publicação reuniu 54 crônicas em uma amostra do trabalho que a consagrou como uma das mais importantes cronistas em atividade no Brasil.

Outro prêmio de grande importância foi com outro livro de crônicas chamado “Montanha-russa”, lançado em 2003, que ganhou o segundo lugar no Prêmio Jabuti e também vencedor do Prêmio Açorianos. Neste livro, as crônicas foram, em maior parte publicados pelo jornal “Zero Hora” e pelo site “Almas gêmeas”, entre setembro de 2001 e agosto de 2003.

Das 26 (vinte e seis) publicações de Martha Medeiros, 13 (treze) são livros de crônicas. Neste sentido, observa-se a importância que a autora dá à sua produção de crônicas.

Carlan (2012) comenta que o livro de crônicas “Trem-bala” é o best-seller do gênero crônica e, que, inclusive, foi adaptado, com sucesso, para os palcos, sob direção da gaúcha, atriz e diretora Irene Brietzke. “O livro reúne mais de uma centena de textos de Martha Medeiros. Neles, a autora reflete sobre o que querem as mulheres, sobre relacionamentos virtuais, o fim da paixão nos tempos modernos, seus escritores, livros e neurais preferidas” (IBDEM, 2012, p.47).

3 LYA LUFT E SUA OBRA

A escritora Lya Luft nasceu na cidade de Santa Cruz do Sul, município de colonização alemã localizado no Rio Grande do Sul. Lya nasceu em 15 de setembro de 1938.

Em 1959, foi morar na capital rio-grandense do sul, Porto Alegre, e lá se graduou tanto em Pedagogia como em Letras Anglo-Germânicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Trabalhou como tradutora de literatura alemã e inglesa.

Iniciou sua carreira literária em 1964, com a coletânea “Canções de limiar”. Em 1972 publicou seu segundo livro de poemas, “Flautas Doces”. Em seguida, já quatro anos após, escreveu contos e lançou em 1978, sua primeira coletânea de contos, “Matéria do Cotidiano”. Daí em diante não parou mais e escreveu vários livros, resultam em 28 (vinte e oito) publicações.

A autora Lya Luft já revelou que sua produção literária é um processo de criação de histórias e personagens.

Se escrevo sobre a vida com seus encontros e desencontros, também falo de homens e mulheres. Minhas interrogações provavelmente não têm resposta adequada, como a maior parte das coisas desta vida nossa – por isso mesmo material inesgotável para a arte. [...] não escrevo com doçura, adjetivo atribuído a textos de mulheres, e não busco compor meu texto com vigor de homem. Escrevo com o vigor de uma mulher (LUFT *apud* FARIA, 2003, p. 129).

Em todas as suas produções literárias, seja na poesia, na crônica e nos romances, Lya Luft se destaca por utilizar uma linguagem madura sobre o cotidiano, baseada nas experiências de vida da própria escritora.

4 A LINGUAGEM UTILIZADA NAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS E LYA LUFT SOBRE A MULHER CONTEMPORÂNEA

Neste estudo, tomou-se como *corpus*, a coletânea de crônicas da autora Martha Medeiros “Trem-Bala”. Ressalte-se que as crônicas foram também publicadas nos jornais *O Globo* e *Zero Hora*. Ao todo, o livro é composto de 112 (cento e doze) crônicas, só que destas 112 (cento e doze), extraíram-se 20 (vinte) crônicas em que relatavam especificamente opiniões sobre a figura feminina nos dias atuais. Dentro destas 20 (vinte) crônicas, foram selecionadas duas crônicas como forma de ilustrar analiticamente a linguagem utilizada para abordar sobre a mulher contemporânea na visão de Martha Medeiros.

Desta forma, além desta pesquisa ser bibliográfica e documental, caracteriza-se, também, em ser qualitativa, pois tomou um *corpus* menor para realização das análises de forma mais profunda e interpretativa.

O quadro abaixo ilustra os 20 (vinte) títulos mais relacionados diretamente a discussões sobre a mulher de um modo geral. Títulos das crônicas do Livro “Trem-Bala”, de Martha Medeiros que abordaram diretamente sobre a mulher na contemporaneidade.

QUADRO C

1. As boazinhas que me perdoem
2. O que quer uma mulher
3. Parto sem dor
4. Mulher de um homem só
5. Mulheres de preto
6. Homens X Mulheres: empate técnico
7. Cordão Umbilical
8. Atrasados e orgulhosos
9. Sozinha no restaurante
10. O sexo da mães
11. Mil vezes Clarice
12. Mulheres como vieram ao mundo
13. O homem e a mulher da sua vida
14. Mamã Noel
15. Dia Internacional da porção mulher
16. O Mulherão
17. A noite das mães
18. O jogo da velha
19. Ilha dos lobos
20. Relacionamentos maduros

FONTE: (MEDEIROS, 2012)

Com relação ao *corpus* de Lya Luft, utilizaram-se os textos extraídos diretamente da Revista semanal brasileira VEJA em que a figura feminina estava diretamente mencionada dentro do texto. Escolheu-se diretamente o semanário VEJA para a realização da pesquisa pelo fato de se perceber que autora reservou em seus textos homenagens ao poder do feminino. Abaixo, seguem os títulos e as datas de publicação das mesmas, no semanário VEJA:

QUADRO D

1 Setenta anos, por que não? (VEJA, 17 set. 2008)
2 A mulher e o poder (VEJA, 28 jan. 2009)
3 A mulher limpinha (VEJA, 24 nov. 2010)
4 Por que os homens nos matam (VEJA, 21 jun. 2010)
5 A mãe natureza e a mãe pátria (VEJA, 18 jan. 2012)

FONTE: (VEJA 2008-2012)

Ao todo, foram 02 (duas) crônicas analisadas da coletânea de 112 (cento e doze) crônicas “Trem-Bala”, escrita por Martha Medeiros: “As boazinhas que me perdoem”; “O que quer uma mulher”.

A crônica “As boazinhas que me perdoem”, destaca-se pela linguagem autêntica, direta e clara da autora. Não é por acaso que é a primeira do livro: “Trem-Bala”. A autora inicia seu texto com duas problemáticas a serem argumentadas detalhadamente. Uma sobre qual o elogio que toda mulher adora receber e outra, sobre o que faz uma mulher detestar escutar.

Em um único parágrafo, Martha Medeiros utiliza a linguagem coloquial personificando-se no discurso da mulher contemporânea como aquela que gosta de ser elogiada em todos os sentidos, desde os físicos ou morais, o que não se tolera é escutar o adjetivo diminutivo “boazinha” originado de outros adjetivos diminutivos como “queridinha, pequenininha, educadinha, ceguinhas”.

Se a mulher dos séculos passados “engolia tudo”, “fingia” e “vivia rodeada de panelinhas e nenezinhos”, a mulher contemporânea que Martha Medeiros aborda é uma outra completamente diferente e alheia a tais adjetivos. A autora associa o vocábulo “boazinha” a “coitadinha”, “comportadinha”, sempre “disponível, serena, previsível, nunca foi vista negando um favor”.

Para a autora, a mulher de hoje é uma mulher de atitudes velozes, que odeia ser chamada de “boazinha”. A mulher atual é uma mulher “bacana, complicada, batalhadora, persistente, ciumenta, apressada”.

A própria autora, em sua crônica, insere-se no discurso, utilizando a 1ª (primeira) pessoa do plural (nós) e afirma: “é isso que somos hoje. Merecemos adjetivos velozes, produtivos, enigmáticos. As “inhas” não moram mais aqui. Foram para o espaço, sozinhas” (MEDEIROS, 2012, p. 12).

Neste sentido, percebe-se que o olhar da autora sobre o feminino no contexto do contemporâneo, é de que a mulher é um ser imperfeito e complicado e, por outro lado, batalhador e persistente.

Na crônica “O que quer uma mulher”, Martha Medeiros discute o paradoxo do pensamento feminino. Ao mesmo tempo em que a mulher contemporânea é este ser veloz, “até as mais modernas e cosmopolitas têm o sonho secreto de encontrar um príncipe encantado”.

Em outras palavras, argumenta-se que toda mulher deseja ser “resgatada da torre do castelo [...] ouvir eu te amo só no último capítulo”. E nesta busca na qual a autora discute, nem sempre o homem consegue corresponder à expectativa de uma mulher, pois “nenhuma mulher se sente amada o suficiente”.

Com esta última oração, a autora desfecha sua crônica demonstrando o caráter completo da mulher contemporânea, imerso em uma encruzilhada: de um lado, é uma mulher veloz, de outro, uma mulher que busca o amor a todo custo.

Na leitura de apenas duas crônicas, observa-se que a abordagem sobre a mulher contemporânea na visão de Martha Medeiros é de uma mulher com atitudes corajosas, que está sempre buscando a felicidade e a liberdade, mas também quer ser amada por um “príncipe encantado”.

As duas crônicas analisadas de Lya Luft foram extraídas da revista semanal brasileira VEJA, e são datadas dos anos de 2008 e 2009. De uma maneira geral, percebe-se que o texto de Lya Luft trata também sobre o feminino em situações diversas.

Na crônica “Setenta anos, por que não?”, (2008), a autora aborda a questão do tempo, dos anos corridos, da velhice. Percebe-se que a autora insere-se na crônica utilizando a primeira pessoa (eu), e também, expressões como “a gente”, o pronome oblíquo (me) para argumentar, comentar sobre a temática discorrida.

Logo no início da crônica ela se insere no texto:

Se **a gente** (grifo nosso) considera uma ladeira que desce a partir da primeira ruga, ou do começo da barriguinha, então viver é de certa forma uma desgraça que acaba na morte [...] O tempo **me** (grifo nosso) intriga, com tantas coisas, desde que **eu** (grifo nosso) tinha 5 anos (VEJA, 2008, p. 26)

A autora aborda sobre a mulher contemporânea de seus 70, 80, 90 anos comentando que se vive em outro momento, diferente daqueles vividos por mulheres de outras épocas.

Pois se minhas avós eram damas idosas aos 50, sempre de livro na mão lendo na poltrona junto à janela, com vestidos discretíssimos, pretos de florzinha branca [...] hoje aos 70 anos estamos fazendo projetos, viajando (pode ser simplesmente à cidade vizinha para visitar uma amiga), indo ao teatro e ao cinema, indo ao restaurante (pode ser o de quilo, ali na esquina), eventualmente namorando ou casando de novo. Ou dando risada à toa com os netos, e fazendo uma excursão com os filhos. Tudo isso sem esquecer a universidade, ou aprender a ler [...] (VEJA, 2008, p. 26).

Observa-se que a autora inseriu-se mais uma vez no discurso da própria crônica para se personificar nesta mulher contemporânea madura, que vive numa época onde se permite namorar, comer fora, viajar com amigas, casar de novo. Esta inserção encontra-se no pronome possessivo “minhas avós” e “hoje aos 70 anos estamos fazendo projetos...”.

Em outra crônica intitulada “A mulher e o poder” (2009), Lya Luft reflete sobre a relação do poder no universo do feminino, já que escrever sobre poder e o masculino para ela, já se trata de um óbvio “ululante”.

Nesta crônica, a autora mostra que a mulher contemporânea está ocupando cargos de poder diversos:

Não faz tanto tempo que começamos assumir funções de ministra, prefeita, governadora, cientista, motorista de táxi e ônibus, reitora, e tantos outros. Não fomos preparadas para enfrentar esse amigo/inimigo, o poder. Sendo pioneiras, e sem modelos a seguir, a quem deveríamos recorrer, em quem nos inspirar à frente do país? [...] Restava-nos a imagem dos homens (VEJA, 2009, p. 22).

O foco de discussão desta crônica é que o poder existe e saber administrá-lo é algo que homens e mulheres precisam saber para serem destruídos por ele. A autora busca respostas sobre como exercer o poder, indagando se existe um “jeito feminino de exercer o poder” já que o poder sempre esteve sob controle do sexo masculino.

A reflexão final da crônica é que o ser humano, seja do sexo masculino ou feminino, é frágil, tem defeitos e precisa ter cuidado ao manusear com o poder. A autora mais uma vez insere-se no discurso, utilizando a 1ª (primeira) pessoa do singular, não somente por ser uma mulher, mas, um ser humano.

Talvez seja apenas um jeito humano, pois é o que todos somos: cheios de fragilidade e força, de qualidades e defeitos, todos em última análise com medo de não ser atendidos. [...] ser apenas uma pessoa a quem o poder foi dado pela sorte, pelo destino, pelo mérito (o melhor de todos), por algum concurso, enfim, pelos caminhos da profissão, e tentar fazer isso da melhor forma possível (VEJA, 2009, p. 26).

Lya Luft coloca, neste sentido, que o poder deve ser exercido da melhor forma possível, sem sectarismos de sexos, feminino ou masculino. Observa-se, então, que a autora opta por uma visão da mulher e do homem como seres humanos frágeis e que precisam agir com “simplicidade, lucidez e autocrítica” diante do exercício do poder.

5 CONSIDERAÇÕES

Nesta breve análise das crônicas de Martha Medeiros e Lya Luft, percebe-se dois olhares femininos. Martha Medeiros utiliza-se de uma linguagem direta e coloquial, típica da mulher contemporânea, como forma de se personificar numa mulher corajosa, que diz o que pensa, busca a felicidade e a liberdade, mas, paradoxalmente, quer ser amada e raptada por um “príncipe encantado” que lhe diga palavras de elogio, apesar dela mesma ser tão complicada.

Lya Luft, em outra dimensão do feminino, mais madura e serena, mostra-se como a mulher que mesmo aos 70, 80 ou 90 anos, não se deixa abandonar pela velhice, e vive intensamente sua existência fazendo o que mais lhe dá prazer, seja viajando, indo a restaurantes, curtindo seus netos, sem tanta seriedade, sem cobranças nem críticas. Mulheres e homens têm defeitos e qualidades, são

frágeis, mas o que importa é a naturalidade e fazer tudo da melhor maneira possível, sendo éticos e humanos.

A partir desta breve análise, observou-se como o gênero crônica permeia entre a literatura e o jornalismo, pois ao mesmo tempo, em que se realizou a contemplação da vida de mulheres, também se realizou uma reflexão sobre o pensamento feminino como uma forma de opinião, que faz parte também do fazer jornalístico.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio (org). **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1992.
- CARLAN, Letícia Amaral. **O Sujeito comum nas crônicas de Martha Medeiros**. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2012.
- CHAVES, Jésura Lopes. Compreensão leitora e estrutura argumentativa no gênero crônica. In: **Letrônica**, v. 2, n. 1, p. 91-104, julho 2009.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. São Paulo: GLOBAL, 1999.
- GUARACIABA, Andrea. “Crônica”. In: MELO, José Marques de. **Gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo**. São Paulo: EDUSP, 1987.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária – Prosa**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- _____. **Pequeno dicionário da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1986.
- MEDEIROS, Martha. **Trem-bala**. Porto Alegre: L& PM, 2012.
- MENEZES, Raimundo de. **Dicionário literário brasileiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- PEREIRA, Wellington. **Crônica: a arte do útil e do fútil – ensaio sobre crônica no jornalismo impresso**. Salvador, BA: Calandra, 2004. Coleção Biblioteca J;2.
- SILVA, Antônio de Pádua Dias da. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina: vozes de permanência e poética da agressão**. Campina Grande: EDUEPB, 2010.